



Petras

TENDÊNCIAS FILOSÓFICAS

A imaturidade do pensamento filosófico brasileiro, que ainda há pouco se evidenciou, de modo às vezes alarmante, no congresso de filosofia reunido em São Paulo, é motivo para se dedicar alguma atenção às obras que nos conseguem oferecer alguma idéia estimulante e nova num domínio tão mal frequentado entre nós. Uma das exceções pôde ser abordada nestes mesmos artigos, há poucas semanas, a propósito do ensaio valioso que o Sr. Pero de Botelho consagrou à "mente grega".

Não é exatamente o caso do livro do Sr. Horácio Lafer intitulado *Tendências Filosóficas Contemporâneas* (Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1950) e que se encontra agora em segunda edição. A surpresa que pode proporcionar este volume não vem, em realidade, da matéria nele contida, pois se trata estritamente de uma obra de divulgação, e que por isso mesmo não visa à originalidade, mas antes do estudioso zelo com que, já em 1928, data, ao que suponho, de sua primeira edição, um brasileiro se ocupava em esquadriñar algumas correntes mais expressivas do pensamento moderno, recorrendo, para isso, não aos intérpretes de segunda mão, porém, aos textos originais.

Nesta nova edição o Sr. Lafer acrescentou apenas, ao antigo material, um novo — todo o capítulo relativamente extenso sobre Martin Heidegger —, além de melhorar e atualizar a primitiva versão. A revisão feita não deixa perceber claramente o significado histórico, para nós, brasileiros, de uma obra onde se comentavam, por exemplo, as teorias de Husserl, no tempo, já remoto, em que tais teorias não tinham ainda transposto as fronteiras de seu país natal. Ou onde se avaliava na justa medida uma contribuição como a de Dilthey, quando o significado dessa contribuição para o desenvolvimento da filosofia, da historiografia, até da crítica literária e estética ainda não pudera

ser geralmente reconhecido e estimado.

Que a revisão deve ter equivocado, em certos casos, a uma verdadeira refusão, e não terá nascido unicamente do desejo de por em dia aquilo que, escrito ou publicado em 1928, poderia parecer hoje incompleto ou superado, mesmo o leitor desprevenido chegaria a percebê-lo sem extrema dificuldade. E percebê-lo, se for prudente e discreto, com alguma ponta de decepção em face da presteza com que o autor acolhe em sua exposição — para citar só este caso — termos como que algum Castro Lopes da filosofia não hesitou em cunhar ultimamente para naturalizar em português uma expressão alemã a rigor intraduzível: "Weltanschauung. No pé em que vão andado as idéias não será de espantar se a palavra proposta — *cosmovisão* — se revele ao cabo inadequada e deva ser substituída, então, por outra ainda mais bárbara: *existenciovisão*, por exemplo.

O caso, em si, não tem naturalmente importância desmedida, mas merece ser apontado ao menos como indício de quem a penúria de nossa linguagem filosófica parece autorizar liberalidades sem sempre muito plausíveis. Se, por um lado, a falta de vocabulário convencionalizado, quando suprida pela mediação atenta e livre, pode ser talvez proveitosa, nisto que nos ajudaria a melhor pensar, e com independência, por outro, e mormente quando se trate, como aqui, de um trabalho de divulgação, dá lugar a obscuridades e ambiguidades nem sempre evitáveis.

Não quero dizer, aliás, que o sr. Lafer evite, sempre que seria possível evitá-las, algumas destas ambiguidades. E até certo ponto compreensível, por exemplo, que, a propósito de Dilthey, tenha cuidado de fugir a rótulos estereotipados, que, como "historismo" ou "vitalismo", a força de quererem abranger muita coisa, já deixam escassa margem a precisões e a nuances. Mas não há dúvida que,

Sergio Buarque de Holanda

optando por outra expressão, apenas etimologicamente defensável — "biologismo histórico" — veio a introduzir neste caso uma imprecisão ainda mais enganadora.

Imagine-se a perplexidade do leitor inocente que, depois de se impregnar o conteúdo deste capítulo acerca do "biologismo histórico de Dilthey", vá ler no manual de um autorizado expositor do pensamento filosófico atual, o professor Hans Meyer, de Wuerzburg (Cf. *Weltanschauung der Gegenwart*, Paderborn e Wuerzburg, 1949), as palavras onde se caracteriza judiciosamente esse "biologismo": "E a partir da vida do espírito", escreve o dr. Meyer, "que se encontra acesso à filosofia da vida de Dilthey. Com a biologia nada tem a ver seu conceito de vida; nele se abrange um contexto unicamente relacionado ao gênero humano. Vida, neste caso, equiparase a "espírito", a "alma", a "sujeito", e assemelha-se, na riqueza de seu conteúdo, ao conceito hegeliano de Espírito".

Em favor do sr. Horácio Lafer há a ponderar que a dubiedade de que se tornou responsável provém unicamente, neste caso particular, de uma impropriedade de expressão, não de interpretação, que esta, em todos os seus aspectos, é de meridiana clareza. Menos justificável, sem dúvida, parecerá o título atribuído ao último e mais recente capítulo de seu livro — "A Filosofia Existencial de Heidegger" — quando se sabe que o próprio Heidegger, em mais de um passo de sua obra básica, repudiou a palavra "existencial" aplicada ao seu pensamento filosófico. E que na carta tantas vezes lembrada, que dirigiu em dezembro de 1937 à Sociedade Francesa de Filosofia, escreveu estas palavras bem nítidas: "Devo repetir que minhas tendências filosóficas, posto que em *Sein und Zeit* se trate de "Existência" e de "Kierkegaard" não podem classificar-se como *filosofia existencial*".

É certo que, logo depois dessa frase, não deixa de acrescen-

tar expressamente que semelhante "erro de interpretação será provavelmente difícil de evitar no momento". A dificuldade viria, naturalmente, da circunstância de Heidegger procurar atingir o alvo das suas preocupações, isto é, o ser em seu conjunto e como tal, pelo viés de uma filosofia da existência. E de se ter limitado, até o momento, a visar o alvo sem ferir-lo. Não haveria grande engano, por conseguinte, em interpretar segundo sua incompleta aparição a um pensamento que, assim como aquele gato de Cheshire, na história famosa de Lewis Carroll, tem a singularidade de se manifestar aos pedaços. E, apesar do título aparentemente inadequado que atribuiu ao seu estudo, o sr. Horácio Lafer não deixa de registrar o intento confessado do autor de *Ser e Tempo* quando diz, à página 222: "A filosofia de Heidegger é uma filosofia da existência. Mas a interpretação da existência não é senão uma preparação para a resposta mais grave, à pergunta mais ampla, acerca do ser". E a dificuldade de se expor esse pensamento de maneira inequívoca, ele a afirma, em outro lugar (pg. 218), quando diz: "E um pensador em formação, e de seu livro capital — *Ser e Tempo* — só foi editada a primeira parte, assim mesmo incompleta. Isso aumenta as dificuldades de uma exposição que, em rigor, não pode ser feita ainda hoje".

APESAR disso, e apesar, sobretudo, das limitações que afinal ousa discernir na filosofia heideggeriana, o autor não consegue dissimular a admiração fervorosa que lhe inspiram as especulações do antigo professor de Freiburg. Já no prefácio ao livro, alude à "incomensurável importância" desse filósofo. E no corpo do seu estudo endossa, quase sem discrepância, as palavras de um exaltado apologista, para quem o pensamento de Heidegger é hoje o caminho real, "uma daquelas afirmações humanas, solenes e totais, que constituem as etapas da his-

tória". Entre as restrições finais refere-se, não obstante, a "exageros que parecem inerentes ao começo de toda teoria", o que nos faz duvidar de sua fidelidade integral à filosofia da existência. Pois esta é de tal modo concebida, que a renúncia ao "exagero" inicial só poderá significar, para recorrer à terminologia do próprio Heidegger, uma descida dos domínios da existência autêntica para a planície do "a gente" (do man).

Aqui, como aliás nos outros estudos de seu livro, o sr. Lafer denuncia seu constante empenho de evitar compromissos capazes de perturbar a aparente serenidade da exposição. Empenho que deixa perceber a outro propósito — a propósito de certas formas do positivismo, que considera, com justiça, "acontecimento anômalo e passageiro na filosofia alemã" — quando diz, numa ironia quase insensível: "E como a Mach, os marxistas não poupam a Avenarius, acoimado pelos soviéticos de ideólogos da burguesia reacionária, evidentemente com algum exagero".

Para um expositor, esse gosto da isenção e da mediania é certamente de melhor augúrio. E creio que também para certa raça de filósofos, pois não foi um deles quem colocou o princípio do termo médio entre os fundamentos essenciais de seu método? "Et entre plusieurs opinions également reçues", dizia: "Je ne choisissais que les plus modérées, tant à cause que ce sont toujours les plus commodes pour la pratique, et vraisemblablement les meilleures, tout excès ayant coutume d'être mauvais". Embora sem morrer de amores pelas doutrinas racionalistas, imagino que o sr. Horácio Lafer não hesitaria em inscrever à testa de sua exposição esta regra cartesiana, onde se insinua com um humor bem temperado, uma sabedoria radical, mas parcimoniosa.

Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625. S. Paulo.